



SUSTENTABILIDADE E ALIMENTAÇÃO: O IMPACTO AMBIENTAL DA PRODUÇÃO DE CARNE E DERIVADOS E A RESISTÊNCIA PARA DEIXAR O CONSUMO DE ANIMAIS.

Luiz Augusto Normanha Lima

Vânia Bordotti

UNESP
Rua 10 B n.962 Rio Claro Cep. 13506742
lanlima@rc.unesp.br>lanlima@rc.unesp.br

INTRODUÇÃO

Em geral, as pessoas apontam inúmeros motivos para não optarem por alimentos produzidos de maneira sustentável e, principalmente, para deixar de consumir animais. Esses motivos, que nem sempre são coerentes, nem ao menos racionais, são posturas facilmente refutáveis pela insustentabilidade presente na produção da carne. Assim, esses costumes revelam - se mais como uma relutância a deixar o hábito de consumer animais. Nessa pesquisa, busca - se apresentar tais motivos, apresentados pelas pessoas entrevistadas, e as argumentações que refutam as posturas a favor do consumo da carne. O movimento pelos direitos dos animais vem de 1824 (criação da Sociedade para a Prevenção da Crueldade com Animais, na Inglaterra), mas ganhou força em 1970, quando um grupo de filósofos da Universidade de Oxford decidiu investigar por que o *status* moral dos animais nãohumanos era necessariamente inferior ao dos seres humanos. Por que é errado matar animais humanos, mas não animais não - humanos? Em 1972, um dos participantes do grupo, Richard D. Ryder, contribui com o livro: *Animais, homens e moral: uma investigação sobre mastratos de nãohumanos*. Logo depois, em 1975, o filósofo australiano Peter Singer, hoje considerado um dos pais do movimento pela libertação dos animais, publica *Libertação Animal*, que teve impacto internacional e inspirou debates e inúmeras publicações sobre o assunto (Chuahy, 2009, p.17). Brugger (2004) responde às mais diferentes indagações envolvendo o consumo de animais

na alimentação. A primeira, de ordem ética, frequentemente levantada, questiona a real necessidade de comer carne: não somos mais caçadores - coletores e temos a nossa disposição uma ampla variedade de fontes de proteínas vegetais que garantem a reposição proteica e uma alimentação balanceada. A segunda critica ideias de que a carne esteja relacionada à nossa evolução, passando pela questão de que comer carne faz mal à saúde, e que a mudança na dieta alimentar das sociedades humanas industrializadas é a responsável por transformar os animais de consumo em objetos, além de produzir e proliferar cada vez mais doenças. A produção de alimentos de origem animal em grande escala consome uma quantidade absurda de recursos naturais renováveis e não renováveis, destruindo florestas e poluindo a água. Ou seja: a produção de alimentos com sustentabilidade não pode ser atingida no sistema de exploração animal. Levai (2004), em sua obra *Direito dos Animais*, expõe sobre a criação intensiva de animais, o horror presente nas fazendas industriais, o *modus operandi* da inseminação artificial, a engorda. A castração, a retirada de bicos, cornos e dentes sem nenhum cuidado e sem anestesia. O confinamento, a vida miserável, e o fim nos abatedouros, para satisfazerem a caprichos gastronômicos ou servir à cultura do churrasco, quando poderia se optar pelo vegetarianismo e se atingir uma produção alimentar sustentável. Tom Regan (2006), Professor Emérito de Filosofia da Universidade da Carolina do Norte, reconhecido mundialmente como um dos maiores nomes da Bioética, mostra na que os humanos transformaram os outros animais e,

de forma bastante clara e contundente, examina a ética dos direitos dos animais e reconhece - os como “sujeitos - de - uma - via”, isto é, os animais querem viver. Felipe (2007) esclarece e nos faz entender toda a condição em que os animais se encontram. Pelo termo “especismo”, que é a atitude humana de inferiorizar as outras espécies e considerar - se a mais importante, a única merecedora de direito à vida, os animais ficam numa classe inferior ou subalterna e, por esta ótica, vivem apenas para servir aos humanos.

OBJETIVOS

Revelar as razões pelas quais as pessoas não se libertam do consumo de animais e derivados, mesmo tendo acesso a informações que questionam rigorosamente o sistema de produção de alimentos e a exploração e manutenção de animais. Apontar o que os impossibilita de se libertarem do consumo de animais.

MATERIAL E MÉTODOS

Revisão de literatura e análise de depoimentos de pessoas consumidoras de animais e seus derivados. Os depoimentos foram gravados em fitas “K7” simples e gravador manual. A análise dos depoimentos segue a metodologia da Fenomenologia, proposta por Martins e Bicudo (1989).

RESULTADOS

Revelam - se, nos discursos dos consumidores de carne, incoerências e pouca importância dada à realidade da produção de alimentos de origem animal. O impacto ambiental da produção de carne e derivados, cada vez mais, é visível, porém pouco divulgado. A falta de informação é a primeira razão pela qual a maioria da população não deixa de consumir animais. Mas não é a única, nem a decisiva. Os consumidores de carne não deixam este hábito, mesmo tendo acesso a informação de que a produção de animais é altamente prejudicial para a saúde sua e do planeta. Desta forma, a sustentabilidade na produção de alimentos torna - se algo distante, pois grande parte da população não quer abandonar o vício do consumo de carne por questões de paladar, para saciar uma vontade. O consumo de animais e de produtos de origem animal (leite, queijo, ovos) é prejudicial, mas há uma resistência para a mudança na forma de se alimentar. Os consumidores de animais apresentam justificativas para não deixar o consumo de carne, que não possuem coerência ou racionalidade. Muitas vezes, as justificativas vêm em forma de per-

guntas: questionam, por exemplo, a opção vegetariana (se eles não consumirem animais o que eles comeriam?). Indagam aos veganos (que não consomem nada que venha da exploração animal): “Mas se não come carne, nem leite, nem queijos, nem ovos, o que você come?” A quantidade de alimentos que não provêm de sacrifício animal é bem maior e, mesmo com esta informação, parece haver um comodismo na manutenção da dieta com carne. Outra justificativa presente nos depoimentos diz respeito à proteína da carne, havendo um consenso geral (embasado num mito) de que ela é insubstituível. Isto leva as pessoas ao exagero e à febre do consumo de proteínas provenientes de animais, uma doença psíquica que gera uma doença física, na qual há uma relação de custo - benefício alto: quando se busca a proteína na carne, obtém - se obesidade. Atualmente, o que há na população não é a falta de proteínas, mas o excesso de peso, de gordura, advindos do consumo exagerado de carne. Outra afirmação dos consumidores de animais é que isso é cultural, e que, sendo assim, nada podem fazer para mudar essa realidade. Há que se registrar que a cultura, também, está em constante movimento e sofre mudanças. Além disso, não se justifica manter um costume, uma característica cultural, se, para mantê - lo, esbarram - se em questões éticas, se há morte de criaturas inocentes ou submissão de suas vidas a condições miseráveis e de escravidão.

CONCLUSÃO

A sustentabilidade na alimentação não se revela por conta do vício e do paladar de comer carne e pelo mito e a desinformação que só a carne tem proteína. Com isso a sustentabilidade da produção de alimentos não ocorre, pela destruição e degradação ambientais que a produção de carne e seus derivados produzem e pela decisão individual do seus consumos.

REFERÊNCIAS

CHUAHY R. Manifesto pelos Direitos dos Animais. Rio de Janeiro: Record, 2009. BRUGGER, P. Amigo Animal Reflexões Interdisciplinares sobre educação e Meio Ambiente Animais, Ética, Saúde, Paradigmas. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004. FELIPE S. T. Ética e Experimentação: Fundamentos Abolicionistas. Florianópolis: Editora da UFSC, 2007. LARTE, L. F. Direito dos Animais. Campos do Jordão, SP: Mantiqueira, 2004. REGAN T. Jaulas Vazias: Encarando o Desafio dos Direitos dos Animais. Porto Alegre, RS: Lugano, 2006. SINGER, P. Animal Liberation. New York: Avon Books, 1991.